1° ANO – SIMULADO - LITERATURA

01.

Afinal, se meu pai me rendeu um quase nada de carinho e de cuidados, também não me deu tios, nem avós, nem primos nem primas. Apenas aquela velha ranzinza a quem temíamos e a quem chamávamos de tia (tia Maria: uma tia que não era.), mulher também de poucas palavras, de poucos afagos e de muitas rezas, que se perdia a entoar Pai- -Nossos e Ave-Marias, que rezava pelas dores do mundo, pelos sofrimentos de todos, mas não pelos meus ou pelos do meu pai, que – afinal de contas – deviam ser os mesmos.

RITER, Caio. Eu e o silêncio do meu pai. São Paulo: Biruta, 2011, p. 13.

Na caracterização de tia Maria, o narrador enfatiza a

a) privação de experiências familiares com os parentes do lado paterno.

b) ausência de vínculos sentimentais comuns em relações de parentesco.

c) semelhança entre o próprio sofrimento e a infância problemática do pai.

**d) contradição entre a devoção religiosa e a falta de afeto no convívio familiar.**

e) boa relação familiar construída mesmo sem vínculo sanguíneo.

02.

Há algum tempo, venho estudando as piadas, com ênfase em sua constituição linguística. Por isso, embora a afirmação a seguir possa parecer surpreendente, creio que posso garantir que se trata de uma verdade quase banal: as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro. Se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo. Os antropólogos ainda não prestaram a devida atenção a esse material, que poderia substituir com vantagem muitas entrevistas e pesquisas participantes. Saberemos mais a quantas andam o machismo e o racismo, por exemplo, se pesquisarmos uma coleção de piadas do que qualquer outro corpus.

POSSENTI, S. Ciência Hoje, n. 176, out. 2001 (adaptado).

A piada é um gênero textual que figura entre os mais recorrentes na cultura brasileira, sobretudo na tradição oral. Nessa reflexão, a piada é enfatizada por

a) sua função humorística.

b) sua ocorrência universal.

c) sua diversidade temática.

d) seu papel como veículo de preconceitos.

**e) seu potencial como objeto de investigação.**

03.

Num determinado trecho do conto Legião estrangeira, de Clarice Lispector, a narradora diz a respeito da personagem Ofélia: “Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança”.

Sobre esse trecho, é correto afirmar que:

a) Ofélia, a mãe da protagonista, comportava-se de modo infantil em sua própria festa de aniversário.

**b) Ofélia era uma criança que agia como adulto. Mas, ao descobrir que havia um pintinho na casa da protagonista, finalmente se revelou como uma criança, manifestando o desejo de brincar com o animalzinho.**

c) Ofélia era a cachorra da protagonista. Mas seu comportamento, às vezes, parecia tão humano que ela podia ser considerada a criança da casa.

d) A narradora fala em “ectoplasma”, referindo-se ao desejo de Ofélia de se tornar cientista quando crescesse.

e) A protagonista adquire um pintinho, para realizar experiências científicas. Por isso, fala em “ectoplasma” que, segundo o dicionário Aurélio, é a “parte periférica do citoplasma”.

04.

Sobre o gênero narrativo compreendido como gênero literário, assinale a alternativa CORRETA.

**a) O romance é um texto longo, que envolve vários personagens autênticos, podendo tratar de diferentes temas.**

b) O conto é uma narrativa mais literária e mais simples, porém não necessariamente menos densa do que o romance e a novela.

c) A fábula é um conjunto de poemas de caráter infantil com estrutura simples e de curta duração, apesar de trazer vários autores.

d) A novela é uma narrativa mais complexa que o romance, mas não observamos aí a tematização de vícios e paixões.

e) Normalmente anedotas tem um tamanho maior que novelas.

05.

**Exposição: Clarice Lispector – A hora da estrela**

A exposição marca 30 anos do lançamento do livro A hora da estrela e também da morte da escritora. Todo o material exposto faz parte do Acervo Clarice Lispector, sob a guarda do Arquivo-Museu da Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. A exposição ocorre no Museu da Língua Portuguesa: Praça da Luz, s/n.° (Estação Luz do Metrô), em São Paulo. O museu abre das 10 às 17h, de terça a domingo. Sábado é grátis. Demais dias: R$ 4.

Segue-se um trecho desse romance admirável.

Nas frígidas noites, Macabéa, toda estremecente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório. É que fazia coleção de anúncios. Colava-os no álbum. Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela. Executando o fatal cacoete que pegara de piscar os olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo. É que lhe faltava gordura e seu organismo estava seco que nem saco meio vazio de torrada esfarelada.

Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária. Talvez fosse assim para se defender da grande tentação de ser infeliz de uma vez e ter pena de si. (Quando penso que eu podia ter nascido ela – e por que não? – estremeço. E parece-me covarde fuga o fato de eu não a ser, sinto culpa, como disse num dos títulos.)

(Texto com adaptações)

Considere os itens:

I. introspeção psicológica;

II. bucolismo;

III. metalinguagem;

IV. neutralidade do narrador.

São traços estilísticos de Clarice Lispector presentes no texto:

**a) apenas I e III.**

b) apenas II e III.

c) apenas I, II e III.

d) apenas II, III e IV.

e) I, II, III e IV.

06.

Dos tipos textuais abaixo, qual NÃO pode ser classificado como prosa?

a) Crônica

b) Conto

c) Romance

**d) Verso**

e) Notícia

07.

Que se chama solidão

Chão da infância. Algumas lembranças me parecem fixadas nesse chão movediço, as minhas pajens. Minha mãe fazendo seus cálculos na ponta do lápis ou mexendo o tacho de goiabada ou ao piano; tocando suas valsas. E tia Laura, a viúva eterna que foi morar na nossa casa e que repetia que meu pai era um homem instável. Eu não sabia o que queria dizer instável mas sabia que ele gostava de fumar charutos e gostava de jogar. A tia um dia explicou, esse tipo de homem não consegue parar muito tempo no mesmo lugar e por isso estava sempre sendo removido de uma cidade para outra como promotor. Ou delegado. Então minha mãe fazia os tais cálculos de futuro, dava aquele suspiro e ia tocar piano. E depois, arrumar as malas.

— Escutei que a gente vai se mudar outra vez, vai mesmo? perguntou minha pajem Maricota. Estávamos no quintal chupando os gomos de cana que ela ia descascando. Não respondi e ela fez outra pergunta: Sua tia vive falando que agora é tarde porque a Inês é morta, quem é essa tal de Inês?

Sacudi a cabeça, não sabia. Você é burra, Maricota resmungou cuspinhando o bagaço. (...)

— Corta mais cana, pedi e ela levantou-se enfurecida: Pensa que sou sua escrava, pensa? A escravidão já acabou!, ficou resmungando enquanto começou a procurar em redor, estava sempre procurando alguma coisa e eu saía atrás procurando também, a diferença é que ela sabia o que estava procurando, uma manga madura? Jabuticaba? Eu já tinha perguntado ao meu pai o que era isso, escravidão. Mas ele soprou a fumaça para o céu (dessa vez fumava um cigarro de palha) e começou a recitar uma poesia que falava num navio cheio de negros presos em correntes e que ficavam chamando por Deus. Deus, eu repeti quando ele parou de recitar. Fiz que sim com a cabeça e fui saindo, Agora já sei.

(Lygia Fagundes Telles, Invenção e Memória.)

O texto de Lygia Fagundes Telles apresenta marcas características do projeto literário da autora, ligado à ficção

a) do realismo fantástico.

b) documentária urbano-social.

c) regionalista

d) metafísica.

**e) intimista e psicológica.**

08.

A raça humana

A raça humana é

Uma semana

Do trabalho de Deus

A raça humana é ferida acesa

Uma beleza, uma podridão

O fogo eterno e a morte

A morte e a ressurreição

A raça humana é

Uma semana

Do trabalho de Deus

A raça humana é o cristal de lágrima

Da lavra da solidão

Da mina, cujo mapa

Traz na palma da mão

A raça humana é

Uma semana

Do trabalho de Deus

A raça humana risca, rabisca, pinta

A tinta, a lápis, a carvão, a giz

O rosto da saudade

Que traz do Gênesis

Dessa semana santa

Entre parênteses

Desse divino oásis

Da grande apoteose

Da perfeição divina

Na Grande Síntese

A raça humana é

Uma semana

Do trabalho de Deus

(GIL, Gilberto. CD Raça Humana.)

Nessa letra, a reflexão se faz sobre um tema que desde sempre inquieta o ser humano. Assinale a alternativa que apresenta tal tema.

a) O trabalho da raça humana

b) A raça humana e suas características

c) A perfeição da humanidade

**d) A humanidade e suas origens**

e) A raça humana e o poder de Deus

09.

No poema

e nas nuvens,

Cada qual descobre

o que deseja ver.

Helena Kolody

Nuvens brancas

passam

em brancas nuvens

Paulo Leminski

A partir da leitura dos dois poemetos, verifica-se que

a) eles têm em comum a forma do haicai e a mesma intenção de valorizar a natureza.

b) a palavra nuvens, em ambos, tem o mesmo significado.

**c) o de Helena Kolody aborda o fazer poético.**

d) o de Paulo Leminski apresenta sentido denotativo ao constatar o movimento das nuvens.

e) Helena Kolody influenciou a obra de Paulo Leminski quanto à adoção do haicai como forma poética.

10.

Leia a crônica O apagar da velha chama, de Luis Fernando Verissimo.

Eu, você, nós dois, um cantinho, um violão... Da janela, mesmo em Porto Alegre, via-se o Corcovado, o Redentor (que lindo!) e um barquinho a deslizar no macio azul do mar. Tinha-se, geralmente, de vinte anos para menos quando, em 1958, chegou a Elizete com abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim e João Gilberto com o amor, o sorriso, a flor e aquela batida diferente, mas que era bossa-nova e era muito natural, mesmo que você não pudesse acompanhar e ficasse numa nota só, porque no peito dos desafinados também batia um coração, lembra? Na vida, uma nova canção, um doce balanço. Era carioca, era carioca, certo, mas a juventude que aquela brisa trazia também trazia pra cá e daqui se via a mesma luz, o mesmo céu, o mesmo mar, milhões de festas ao luar, e sempre se podia pegar um Electra e mandar descer no Beco das Garrafas, olha que coisa mais linda. Queríamos a vida sempre assim, si, dó, ré, mi, fá, sol, muito sol, e lá. Mas era preciso ficar e trabalhar, envelhecer, acabar com esse negócio de Rio, céu tão azul, ilhas do sul, muita calma pra pensar e ter tempo pra sonhar, onde já se viu? Até um dia, até talvez, até quem sabe. O amor, o sorriso e a flor se transformavam depressa demais. Quem no coração abrigou a tristeza de ver tudo isso se perder, para não falar nos seus vinte anos, nos seus desenganos e no seu violão, nem pode dizer ó brisa fica, porque nem mais se entende, nem mais pretende seguir fingindo e seguir seguindo. A realidade é que sem ela não há paz, não há beleza, é só a melancolia que não sai de mim, não sai de mim, não sai. E dê-lhe rock.

Sobre a crônica, considere as seguintes afirmações.

I - O autor, partindo de sua experiência pessoal, como é próprio da crônica, recupera o momento histórico de uma geração, através da música brasileira.

II - O autor constrói a crônica a partir de diversas letras de músicas, mostrando como elas fazem parte de sua vivência de juventude.

III- A melancolia, ao final da crônica, está ligada ao envelhecimento e à percepção de que aquele momento não volta mais.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas III.

c) Apenas I e II.

d) Apenas II e III.

**e) I, II e III.**

11.

A questão a seguir toma por base um poema satírico do poeta português João de Deus (1830-1896).

**Ossos do ofício**

Uma vez uma besta do tesouro,

Uma besta fiscal,

Ia de volta para a capital,

Carregada de cobre, prata e ouro;

E no caminho

Encontra-se com outra carregada

De cevada,

Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adiante

Largo espaço,

Coleando arrogante

E a cada passo

Repicando a choquilha

Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha

De ladrões,

Como leões,

E qual mais presto

Se lhe agarra ao cabresto.

Ela reguinga, dá uma sacada

Já cuidando

Que desfazia o bando;

Mas, coitada!

Foi tanta a bordoada,

Ah! que exclamava enfim

A besta oficial:

— Nunca imaginei tal!

Tratada assim

Uma besta real!...

Mas aquela que vinha atrás de mim,

Por que a não tratais mal?

“Minha amiga, cá vou no meu sossego,

Tu tens um belo emprego!

Tu sustentas-te a fava, e eu a troços!

Tu lá serves el-rei, e eu um moleiro!

Ossos do ofício, que o não há sem ossos.”

(Campo de flores, s/d.)

Considerando que a sátira se apresenta sob forma de fábula, com personagens animais assumindo modos de agir e pensar tipicamente humanos, verifica-se que a atitude da besta real em relação à outra traduz um preconceito de

a) cor.

b) raça.

c) credo religioso.

d) credo político.

**e) classe social.**

12.

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

ROSA, J. G. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

No romance Grande sertão: veredas, o protagonista Riobaldo narra sua trajetória de jagunço. A leitura do trecho permite identificar que o desabafo de Riobaldo se aproxima de um(a):

a) anedota, por trazer lembranças pessoais.

b) fábula, por apresentar uma lição de moral.

c) notícia, por informar sobre um acontecimento.

**d) aforismo, por expor uma máxima em poucas palavras.**

e) crônica, por tratar de fatos do cotidiano.

13.

No conto Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector, a protagonista termina a narrativa com a seguinte frase:

“Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante”.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

Com base nessa frase, assinale a alternativa CORRETA.

a) A autora expressa que a menina cresceu e não se interessou mais pelo livro porque tem um amante.

b) Clarice Lispector expressa que a menina já não se interessa mais pelo livro, e que a felicidade clandestina se realizou no momento em que o conseguiu.

**c) A autora define com uma metáfora o que é a felicidade clandestina, já que uma mulher ao ter um amante vive situações de perigo, mas que lhe proporcionam felicidade.**

d) Clarice Lispector expressa a relação entre a infância e a vida adulta da protagonista.

e) Clarice Lispector expressa a troca do livro por um amante.